

ESPIRITUALIDADE E UTOPIA nas *PROSAS* *PORTUGUESAS* DE RAFAEL BLUTEAU

Ana Araújo Rafael
Universidade do Porto

RESUMO:

A presente comunicação centra-se na temática da *Utopia e Espiritualidade*, nomeadamente nas *Prosas Portuguesas* de Rafael Bluteau. Pretende-se sobretudo destacar a proximidade entre a espiritualidade deste autor e a busca da perfeição da língua (linguagem utópica). Na verdade, dois temas que percorrem toda a obra e se mostram, em larga medida, dialogantes. Ainda que distante de uma utopia ficcionada, as *Prosas Portuguesas* revelam, no discurso crítico do seu autor, uma linguagem semeada de utopemas, que vão de montanhas a pirâmides, de ilhas a zigurates, de organizações ternárias a movimentos circulares.

ABSTRACT:

This article focuses on the topic of utopia and spirituality in Rafael Bluteau's *Prosas Portuguesas*. It stresses the connection between the author's spirituality and the search for a perfect, ideal language. In fact, these two themes are intertwined throughout his work. Although the *Prosas Portuguesas* do not constitute a fictional utopia, the author's critical discourse is full of utopian motifs, comprising mountains and pyramids, islands and zigurats, ternary organizations and circular movements.

PALAVRAS-CHAVE:

Babel (Torre de), Bluteau (Rafael), *Confusio linguarum*, Deus, Espiritualidade, Língua universal, Monarquia Universal, Pluralidade linguística, *Prosas Portuguesas*, Sábio, Simbologia, Utopia

>>

KEY WORDS:

Babel (Torre de), Bluteau (Rafael), *Confusio linguarum*, God, Spirituality, Universal language, Universal monarchy, Linguistic plurality, *Prosas Portuguesas*, Wise men, Symbology, Utopia

[...] no ponto do meyo, que he o centro,
está a paz, e a quitação com immovel
firmeza, da qual (quando convem) sahem
linhas para todas as partes da circunferencia;
assim do centro da paz, em que descansa
o espirito do nosso Sábio, se diffundem
especulativas delineaçoens para a periferia
do Universo.

Rafael Bluteau, *Prosas Portuguesas*

180>181

A obra de Rafael Bluteau é pouco conhecida. E, no entanto, a cultura portuguesa muito lhe deve. Nascido em 1638, na cidade de Londres, chega a Portugal no ano de 1668. Amigo muito próximo de Francisco Xavier de Meneses (4.º Conde de Ericeira), participante activo das Conferências Discretas e Eruditas e da Academia dos Generosos, bem como autor do primeiro grande levantamento onomástico da língua portuguesa: o *Vocabulario Portuguez e Latino*.

Os estudos sobre a sua obra centram-se quase sempre nos aspectos linguísticos. E todavia a sua obra crítica (o seu pensamento literário e religioso) merece, a nosso ver, um olhar igualmente atento, até porque, até ao século XIX, as questões científicas da língua não estavam separadas dos seus pressupostos teológicos e a palavra Literatura cobria aspectos da língua que iam muito para além das questões estéticas.

A distância entre a espiritualidade de Rafael Bluteau e a busca da perfeição da língua pareceu-nos desde sempre estreita. As metáforas de montanhas e zigurates, jardins e palácios, a preferência deste padre e académico por uma organização maioritariamente ternária, como o Deus cristão, ou a predilecção pelo movimento circular, seriam os vários factores de impulso para estes dois temas que nos pareceram, em larga medida, dialogantes: a linguagem utópica e a espiritualidade. Não porque Bluteau tenha escrito alguma Utopia ficcionada, mas porque semeou de utopemas o seu discurso crítico.

É significativo que, nas *Prosas Portuguezas*, de 1728, Bluteau conceba o conhecimento como uma montanha ou um zigurate. Graficamente representada pelo triângulo recto, a montanha, como símbolo ascensional, representará a evolução gradual da vida em direcção ao céu. Associadas a esta imagem do conhecimento estarão outras do mesmo campo semântico, como o cume, o desmoronamento, a ascensão ...

O simbolismo do zigurate mesopotâmico será, por exemplo e em certa medida, análogo ao da montanha. No *Dicionário dos Símbolos* de J. Chevalier e A. Gheerbrant, encontramos a seguinte definição: "O zigurate é uma torre de degraus, coroada por um templo, para que o seu topo seja semelhante ao céu e à morada de Deus" (Chevalier / Gheerbrant, 1994: 649). Símbolo de ascensão, ele terá também o sentido da escada, lembrando que a relação entre a terra e o céu se processa por etapas. Mas mais do que a montanha, o seu simbolismo será sobretudo similar ao da pirâmide, pela incólume perfeição artificial que esta exhibe.

Um raciocínio parece dedutivo: se a montanha é a progressão na Natureza, a pirâmide ou o zigurate é a progressão na Arte – ambas com origem em Deus.

No topo da montanha (estrutura presente na Natureza, alheia à vontade do homem) ou do zigurate (estrutura arquitectónica, produto da vontade humana, a Arte), sempre encontramos a busca da perfeição da escrita, conduzindo à perfeição de Deus. A escrita da Natureza e a escrita da Arte. Quer numa, quer noutra, a fundamentação processa-se em três etapas, a saber, *antiguidade, universalidade e diuturnidade* – três características que, para além de atestarem a sua importância, comportam a carga simbólica da perfeição e a evocação dessa perfeição a três tempos: passado (antiguidade), presente (universalidade atemporal) e futuro (diversidade temporal). Inscreve-se nessa busca a genuinidade da ortografia, que deve ser imune às imperfeições humanas, centrada na relação directa do espírito com a forma, da substância com a matéria, do significado com o significante.

A aspiração a uma monarquia universal, imune aos

>>

limites que as monarquias políticas nacionais conheceram (projecto tão caro à renovação espiritual do século XVII), passa, para este teatino, por uma utópica ambição humana, quando afirma: "He tão excessiva a violencia deste desejo, que talvez incita o homem a cobiçar o impossivel, chamado Monarchia Universal." (Bluteau, 1728b: 175-176).

Perante o utopema ortográfico ou político, Bluteau está ciente do fracasso. É curioso todavia que julgue a utopia mais próxima, se mutuamente ambos os utopemas se reforçarem. Um império universal, porque perpétuo, estaria reservado unicamente à escrita, à semelhança do quinto-império pessoano. Como se o tempo (perpétuo) guardado pela escrita se cruzasse e se confundisse por instantes com o espaço (universal), guardado pelas fronteiras.

182>183

Tudo o que as historias chamaõ Monarchias, são fragmentos da grande Monarchia do Universo; todas, como dominios particulares, tiveraõ seus limites. [...] Na Orthografia temos a idéa de huma Monarchia perpetua, e por isso perpetua, porque universal. (*idem*, 180)

Em Bluteau, com algum paradoxo, a crescente complexidade dos elementos terrenos conduz-nos invariavelmente à imortalidade da escrita. Só ela se confunde com a *Monarchia Universal*. E pela sua autonomia, atingindo-se o topo da ascensão, se igualaria a Deus. Sob o seu escudo, ficaremos imunes aos castigos advindos da ambição e orgulho humanos, provocando, por sua vez, a inversão da distopia de Babel, um zigurate que é obra exclusiva da vontade do homem, alheia à vontade divina. O homem que se deixar guiar pela escrita representará o esforço humano na ascensão e compreensão do divino e por isso será sempre e seguramente beneficiado.

Nas *Prosas*, Rafael Bluteau acaba por fazer uma considerável alusão ao episódio bíblico da Torre de Babel, de onde resultou a pluralidade linguística. Bluteau centra a sua valorização linguística nesse tempo idílico da palavra, como linguagem universal:

Da Creação do Mundo até aos temerarios, e mal logrados principios da famosa Torre de Babel, pelo espaço de mais de mil e setecentos annos correrão as palavras todas irmans, e filhas da primeira, e unica lingua do Mundo... (*idem*, 7)

Esta Idade do Ouro tem como contraponto uma Idade do Ferro: a destruição da torre, a confusão das línguas, concebida pela desconfiança, herdada pelos homens e guardada nas palavras.

[...] quando finalmente com o castigo da confusão das linguas na Torre de Babylonia, entrou a desconfiança nos homens, e nas palavras, desconfiavaõ os homens dos seus mayores amigos, porque não se entendiaõ; e a falta da intelligencia cruelmente trocava em injurias os beneficios, e os obsequios em afrontas. (*ibidem*)

>>

Tudo isto é relativamente comum nos escritos da época. Da combinação das letras e das palavras, teria surgido a linguagem e a pluralidade das línguas. Um *vastissimo Oceano*, segundo Bluteau. Mais uma vez, o conhecimento de todas as linguagens da terra se revela tarefa utópica. Muito distante da imensa esfera terrestre, habitada por diversas e inquantificáveis linguagens, está a língua universal, monogenética, humanamente impossível e exclusiva do plano divino. Pode ler-se esta leitura simbólica no referido *Dicionário*, dirigido por Chevalier e Gheerbrant:

A busca do poder substituiu a busca do divino: este é hoje o significado do babelismo: uma tentativa de alcançar o auge do poder. É uma inversão do sentido original do zigurate, árvore ou eixo que liga os dois centros celeste e terrestre. (Chevalier/Gheerbrant, 1994: 708)

Tudo isto seria comum, se Bluteau lhe não acrescentasse um terceiro elemento, muito menos comum: a transformação da fraqueza em força. Pois para Bluteau, não só o todo se pode decompor nas partes, mas também (como sucede hoje nas teorias dos fractais), cada parte contém um registo do todo. A diversidade, que

podia ser causa da divisão, torna-se uma força centrífuga, capaz de agir a partir de um centro comum em diversificados espaços e em diversos tempos. Será essa característica da linguagem que permite a missão da palavra de Cristo pelos seus discípulos. Babel não era um castigo, mas ainda uma dádiva divina.

De todas as Academias, que até agora houve nu Mundo, não sahio tanta, e tão admiravel eloquencia, [...] quando sahiraõ os Apostolos, prêgando a diversas nações em diferentes linguas as verdades Evangelicas... [...] Foy esta eloquencia [...] universalissima [...] na locução, de todos entendida, [se manifestou] a sua universalidade. Senhor, em que palestra scientifica se vio tão prodigiosa facundia? Semeastes linguas, para colher corações [...] para enviar Missionarios a todas as partes do Mundo, por mil idiomas diferentes derramastes no mesmo tempo a mesma doutrina... (Bluteau, 1728a: XVII-XVIII)

184>185

Assim a Utopia (o Dever Ser, Deus, como totalidade) é também espalhada pela realidade das Partes (os homens, os seus esforços aproximativos, os seus fracassos). É a sua totalidade que valoriza a diversidade. A linguagem dos apóstolos, uma glossalalia de mil idiomas diferentes, é pois, para Bluteau, a linguagem mais universal do mundo, concebida uma vez mais à semelhança de Deus (uno e diverso, criador e espalhado pelas suas múltiplas criaturas). O raciocínio torna-se dedutivo: a unidade ou a universalidade das línguas pertencerá geneticamente a Deus, a pluralidade ao homem. A este restará, afinal somente, aceitar a sua pluralidade e buscar a unidade, isto é, respeitar a diversidade humana e buscar Deus.

Para tal, interessa perceber o duplo sentido da multiplicidade linguística que escapa ao implacável destino babélico, como a todas as tentativas humanas de reconciliação (procura da língua perfeita). Também nesse sentido Bluteau, encavalitado cronologicamente entre o século XVII e o século XVIII, se revela um pensador que se projecta para a filosofia setecentista, em que a pluralidade passa a ser por muitos estimada. Inclusive a pluralidade linguística, e independentemente da pluralidade das nações.

Leibniz sempre se sentira fascinado pela riqueza e pela pluralidade das línguas naturais, a cuja gênese e relações de filiação dedicara numerosas investigações, e, não considerando que fosse de facto possível identificar uma língua adâmica, ou menos ainda a ela regressar, celebrara como positiva justamente essa *confusio linguarum* que os outros autores, em contrapartida, tentavam eliminar. (Eco, 1995: 254)

Um século depois de Leibniz, o patriótico francês Pluche acabará por estabelecer a definitiva inversão de Babel. Pluche, herdeiro do *Volksggeist* setecentista, consideraria a pluralidade linguística um fenómeno positivo, uma vez que as diferentes línguas representarão as diferentes identidades das nações. Prossegue Eco, sublinhando a mudança conotativa entre *confusão/perda* e *multiplicação/ganho*:

[...] a multiplicação (que não é confusão) das línguas surge como um fenómeno, além de natural, socialmente positivo. [...] Há aqui algo mais do que a celebração do género das línguas: trata-se de uma inversão de sinal na leitura do mito de Babel. (*idem*, 314)

Babel e a Montanha são pois dois pólos tão dialogantes e divergentes quanto a Distopia e a Utopia. Talvez por tudo isto, não será por acaso que, em diversas situações das *Prosas Portuguesas* de Bluteau, encontramos uma tendência, que nos parece pouco casual, para sistematizar os seus assuntos em estruturas ternárias (sintácticas ou semânticas). Os exemplos são muitos: as três academias ancestrais; os três passos didácticos para Deus, passos que ele próprio indica aos académicos; os três pontos duvidosos que se esclarecem pela existência de D. João V; os três "Orthografos" fundacionais (Álvaro Ferreira de Vera, João Franco Barreto e Duarte Nunes de Leão), legisladores da Língua Portuguesa; ou simplesmente, em questões de ritmo estilístico, os três epítetos que atribui à Universidade de Coimbra.

Há aqui e ali, em Bluteau, do ponto de vista da simbologia morfológica, um curioso emprego do «nós» (unidade plural).

>>

Ou ainda uma oposição entre o *ele vs. ele*, resolvida através da primeira pessoa do singular (2+1). Assim é quando refere, por exemplo, as fontes de que se servia nos seus discursos à Academia (ou Academias) existente(s) na Casa dos Condes de Ericeira: “Na illustre Academia Ericeiriana, em que comecey a illustrar, e combinar os ditados dos Sabios da Grecia com os adagios dos Velhos da Lusitania...” (Bluteau, 1728a: 92).

Note-se esta implícita valorização de um sujeito que se exprime na primeira pessoa (um subentendido «eu») e a explícita afirmação de vanguardismo (*em que comecey a illustrar*). Mas contraposta a duas fontes seguras, fidedignas, incontestáveis: os sábios da gentilidade e os sábios da cristandade. Parece-nos pois muito significativa a estratégia aqui exposta, a ilustração da novidade é estrategicamente elaborada através de um *tertius genus*, que resulta da combinação de uma oposição: os ditados dos Sábios da Grécia e os adágios dos Velhos da Lusitânia. A percepção do «moderno» através de duas antiguidades: a clássica (pagã) e a autóctone (de raiz judaico-cristã).

É pois necessário que se estabeleça um terceiro ponto de tensão entre dois pólos em oposição. A Utopia e a Distopia dialogam no Real, no aqui e agora, no eu que decide. O 3 é, em quase toda a simbologia numérica, = 2 + 1. A própria perfeição da escrita obedece a um processo de formação ternário, se lembrarmos a estratificação que se estabelece entre as letras, as palavras e a linguagem. Bem como a perfeição do conhecimento se processa em três etapas: Deus, o Sábio e o Homem. Vejamos cada um deles na relação directa com a perfeição e a utopia, mas vejamos sobretudo como o Sábio, prefiguração do Anjo, será a ponte entre Deus e os Homens.

Na verdade, para Bluteau, a leitura de Deus e do Mundo só pode ser feita a três dimensões e, assim, à imagem de Deus: “Todo o corpo solido tem tres dimensoens, Longitude, Latitude, e Altitude [...]. Appropria S. Paulo estas dimensoens materiaes a Deos...” (*idem*, 354).

Deus, como o mundo real, é trino (união perfeita da San-

tíssima Trindade). Por isso também, simbolicamente, a afirmação de uma identidade é traduzida ortograficamente, em Bluteau, por uma palavra trina, *sum*: “Com tres letras abrio Deos a todos os Letrados o caminho para eternamente discursarem sobre as infinitas perfeições do seu ser Divino” (*idem*, 343).

Deus, definido pelo verbo *sum*, representa a perfeição da sabedoria, o objecto manancial do homem na busca do conhecimento universal. Sendo símbolo da infinita perfeição, a grandiosidade de determinados elementos (universais e terrenos) estará sempre aquém, como imperfeito reflexo da sua inefável grandeza. No entanto, é o contraste entre essa perfeição infinita (1) e a nossa dúbida identidade, a nossa grandeza imperfeita (2), que ao mesmo tempo nos impressiona e nos aproxima da própria noção de sublime. Vejamos a seguinte passagem: >>

Deos he hum Ente incomprehensivel, porque as suas perfeições são infinitas; e ainda que nas creaturas imprima vestígios da sua grandeza; ainda que no movimento circular dos Astros se represente a sua eternidade, a sua bondade comunicativa nas influencias dos Planetas, sua unidade no Sol, na extensaõ do mar a immensidade do seu ser; ellas, e outras representaçoens são da sua ineffavel perfeição imperfeitos reflexos. (*idem*, 221-222)

Significativamente, cremos que, para expor a perfeição da rainha da Grã-Bretanha, Bluteau recorre a uma organização ternária, dividindo a *Oração* que lhe dedica em três partes, formadas por três Coros e onde três epítetos se evidenciam (*Celeste*, *Pacífica* e finalmente *Perfeita*). Estrutura tripartida (3x3), desde logo sentida no título “Oraçoens Gratulatorias na feliz vinda da Muito Alta, e Muito Poderosa Rainha da Grã Bretanha, a Senhora D. Cátharina, [...] nas tres ultimas tardes do mez de Janeiro de 1693” (*idem*, 395). A terceira e última *tarde* é a clarividência de toda esta simbologia entre o número três e a perfeição, nomeadamente o nove e a sua decomposição em três múltiplos de três.

[...] porque as Musas são nove, e no meyo do novenario está a unidade, dividindo em duas partes iguaes o octonario, que os Pythagoricos attribuem à perfeição da justiça. Tambem o novenario he composto de tres ternarios, e cada ternario de tres unidades, que (conforma a doutrina dos que interpretaõ os mysterios dos numeros) são imagens, e jeroglificos de huma consumada perfeição. (idem: 416)

Da mesma forma inferimos três tríades, alcançadas pelas analogias que se estabelecem entre os três tipos de palavras (especificadas por Bluteau no *Oratorio requerimento de palavras portuguezas...*), os três tempos que cada uma delas comporta (segundo Maria Filomena Gonçalves vale) e os três tempos pretendidos pelo espaço físico que as cerca: a Palavra, a Academia e a Biblioteca.

Assim sendo, a tríade tipológica das palavras de uma língua, exposta por Bluteau, a saber, “supplicantes agravadas” (arcaísmos), “supplicantes desconfiadas” (vernáculos) e “suplicantes pretendentes” (neologismos), estabelece uma relação muito próxima com os três tempos da perfeição. Segundo a autora atrás referida o que sobressai no *Oratorio* é uma “dinâmica léxica” regida por três tempos: “tradição (ou diacronia), continuidade (ou sincronia) e inovação (ou futuro)” (Gonçalves, 2005: 628).

Muito próxima da utopia estaria a legislação da Academia. Nas palavras de Maria Luísa Malato Borralho, a “Constituição da Academia”, bem como os “estatutos académicos”, confundem-se, de modo similar, com os “três tempos da utopia” (Borralho, 2004: 279). Em certa medida, dentro e fora dos Estatutos, a palavra estabelecer-se-ia nas Academias como consagração de um passado idílico, reconhecimento de um presente conflituoso e construção de um futuro radioso.

Deus e o Homem tão próximos e tão distantes. Para Rafael Bluteau, a separação entre ambos é inabalável. Porém, o intervalo entre o homem e Deus pode e deve ser estreitado pela Mimesis. Imitando a perfeição de Deus (como modelo independente), o homem e a sabedoria triunfarão, ainda que imperfeitamente, porque desejaram a perfeição.

O homem, como creatura composta, não póde lograr a soberania desta independencia, mas poderá imitala, abstrahindose da materia, e dos animos enbebidos nella; que este he o fim, e o triunfo da sabedoria. (Bluteau, 1728a: 119)

Assim o Homem, mas só aquele que seja Sábio (e cristão), alcançará este real-ideal: procurando Deus.

Este equilíbrio tripartido apresentará por vezes também a formulação metafórica dos círculos concêntricos. No centro de uma *circunferência*, o Sábio Cristão especula sobre o universo, espalhando linhas que delinham a firmeza das suas pretensões em movimentos circulares e que, sob essa representação, se adinham perfeitos. Também a Rainha da Grã-Bretanha é apresentada como entidade próxima de um real-ideal, e representada por uma figura circular que caminha sobre o mundo em perfeitos movimentos, como os astros de uma "teologia platónica":

Na Theologia Platonica chamase anno grande aquelle, em que as celestes esferas, depois de acabarem inteiramente seu curso, tornarem a ficar no mesmo assento, e lugar, donde começou no principio do Mundo o seu movimento, e com razão se chama grande o anno, em que as esferas conseguirem a perfeição de unir com seu movimento circular o principio com o fim, porque esta inteira, e perfeita uniaõ he huma imitação da grandeza Divina, que he o principio, e fim de tudo. (*idem*, 398)

Lembremos aqui as palavras de Mircea Eliade: "O 'centro' é pois a zona do sagrado por excelência, da realidade absoluta" (Eliade, 2000: 32). O Sábio estará assim ciente de que toda esta realização, de gosto universal e circular, dependerá de uma ligação de proximidade com o divino. Desenhar-se-á um movimento circular, perfeito na sua simbologia, que abrangerá, no seu perímetro, o culto de todas as ciências e, no ponto interior, o culto de Deus.

Corra o Sabio Christaõ toda a esfera do saber, faça a sua curiosidade o gyro de todas as artes, e faculdades, seja o seu entendimento encyclopedia viva de todas as disciplinas, e sciencias, mas no meyo deste scientifico circulo, haja sempre ponto fixo, e centro immovel para a observancia da Ley Divina. (Bluteau, 1728a: 151)

190>191

O homem que se afastar deste centro afastar-se-á, por consequência, da unidade, que só Deus poderá conceder. Mas o conhecimento do mundo ou de nós mesmos coabitará com a simbologia do círculo e do perímetro, onde Deus funciona como eixo de um movimento giratório, conferindo-lhe assim a estabilidade necessária ao seu equilíbrio. Ou quem sabe se mantendo apenas a distância que preserva a sua inacessibilidade. Circunferência e centro ou, segundo Yvette Centeno, “Ilha e montanha [...] definem o espaço que é o ilimitado de Deus – mas que o filósofo hermético (o alquimista, ou o místico) se esforça por atingir” (Centeno, 1991: 18).

Circunferências, círculos, ilhas e Montanhas, não nos afastamos nunca muito do universo utópico. Ainda que inacessível, a vontade de alcançar esse espaço impelirá o homem a continuar. <<

BIBLIOGRAFIA ∨

Bluteau, Rafael (1728a), *Prosas portuguesas recitadas em diferentes congressos academicos [...] Parte Primeira*, Lisboa, Officina Joseph Antonio da Sylva.

-- (1728b), *Prosas portuguesas recitadas em diferentes congressos academicos [...] Parte Segunda*, Lisboa, Officina Joseph Antonio da Sylva.

Borrvalho, Maria Luísa Malato (2004), "'Nem muros, nem cidade': o espírito utópico nas academias portuguesas", in *Estudos em homenagem a Luís António de Oliveira Ramos*, 3 vols., Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, vol. 1.

Centeno, Yvette (1991), *A Arte de Jardinar: Ensaio (Do Símbolo no Texto Literário)*, Lisboa, Editorial Presença. >>

Chevalier, Jean & Alain Gheerbrant (1994), *Dicionário dos Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*, trad. Cristina Rodriguez e Artur Guerra, Lisboa, Teorema.

Eco, Umberto (1995), *A procura da língua perfeita*, trad. Miguel Serra Pereira, Lisboa, Editorial Presença.

Eliade, Mircea (2000), *O Mito do Eterno Retorno*, trad. Manuela Torres, Lisboa, Edições 70.

Gonçalves, Maria Filomena (2005), "Oratório requerimento de palavras portuguesas, agravadas, desconfiadas e pertendentes: uma perspectiva da dinâmica lexical nos alvares do Iluminismo", *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*, Santa Maria da Feira, FLUP.